

## TOPOANÁLISE DAS OBRAS *ESAÚ E JACÓ* E *MEMORIAL DE AIRES*: A ARQUITETURA TEXTUAL MACHADIANA

Jorge Leite de Oliveira<sup>i</sup>

### **Resumo:**

Bachelard, em *A poética do espaço*, criou o neologismo **topoanálise** com o significado de “estudo psicológico e sistemático dos locais da vida íntima”, que Borges Filho (2007) amplia para uma análise da construção do espaço, na obra literária, de modo mais amplo possível, observando estrutura e conteúdo do texto a ser analisado. Enfocaremos, neste artigo, aspectos gerais da **topoanálise** dos romances *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*, de Machado de Assis. São eles: 1) a topografia literária; 2) as funções do espaço; e 3) o espaço e o enredo. Neste último aspecto, acrescentaremos comentários sobre como os escritores contemporâneos Bruno Zeni, Moacyr Scliar e Lourenço Mutarelli reelaboram textos machadianos.

**Palavras-chave:** topoanálise, romances, textos machadianos.

### **1 Introdução**

Segundo Oziris Borges Filho (2008), topoanálise é o estudo que compreende as diversas “abordagens sobre o espaço” na obra literária, tais como a estrutural, a psicológica, a sociológica, a política, a filosófica etc. Na teoria da topoanálise, não é funcional a distinção entre espaço e lugar segundo esse autor. O espaço deve, portanto, ser visto em seu amplo conceito, que abrange, na obra literária, “tudo o que está inscrito”, ou seja, dentro da composição de cenário e natureza, analisar a atuação dos personagens e suas implicações literárias.

Com base na proposta de Borges Filho, vamos observar, tanto quando possível, nesta pesquisa, três abordagens: 1ª) as funções do espaço; 2ª) a topografia literária; e 3ª) o espaço e o enredo. Em seguida, faremos a topoanálise de **Esaú e Jacó** e **Memorial de Aires**; por fim, analisaremos a reelaboração de três obras machadianas por autores contemporâneos.

### **2 Funções do espaço e topografia literária**

Nas funções do espaço, observar: 1) situação geográfica dos personagens; 2) características das personagens dentro do contexto psicológico e socioeconômico em que agem; 3) influência do espaço sobre o modo de agir e reagir aos acontecimentos sociais; 4) favorecimento da ação dos personagens em determinado espaço; 5) influência ou interação do espaço no estado psicológico dos personagens; observar a possibilidade de, na relação de afeto entre espaço e personagem, ocorrer o que Borges Filho (2007) denomina “topopatia”, que se subdivide em: a) “topofobia”: medo mórbido de alguns lugares; e b) “topocentria”: que tem lugar determinado como centro; 6) observar os contrastes entre personagens e natureza (“espaço heterólogo”); 7) antecipar a narrativa na “prolepse espacial”, ex: espaço e objetos: interferência destes naquele.

Acredita Borges Filho (2008) que a tarefa inicial de uma topoanálise seja o

levantamento dos espaços do texto (“topografia literária”). Tal procedimento deve basear-se, a princípio, na segmentação do texto em macroespaços e microespaços. Em seguida, identificam-se, na análise, cenário, natureza, ambiente, paisagem e território. Após a verificação dos macroespaços, verificar a característica dos “dois tipos essenciais do espaço: o cenário e a natureza”, aos quais se relacionam o ambiente, a paisagem e o território. Enfatizamos, nos dois romances, a seguir, o cenário.

No cenário, encontramos os “espaços criados pelo homem”, ou, em geral, aqueles nos quais as pessoas vivem. Segundo Teles (2011), podemos analisar, nos dois romances, o “cenário histórico”. Em *Memorial de Aires* predomina a questão da emancipação dos escravos; já *Esau e Jacó* aborda essa situação apenas superficialmente e enfatiza o evento republicano. Esses seriam, pois, os “cenários” conotativos dos romances, de alta relevância na análise espacial em nosso entendimento. Essa representação ocorre, ainda segundo a autora (op. cit.), de modo dissimulado.

O cenário, em *Esau e Jacó*, é iniciado no morro do Castelo, com o relato da subida pela Rua do Carmo pelas irmãs Natividade e Perpétua, que foram consultar uma vidente sobre o destino dos filhos gêmeos de Natividade, Pedro e Paulo. Em seguida, o narrador explica que o lugar não é conhecido por todos na cidade, mas justifica tal fato com a informação de que, mesmo em Londres, “um velho inglês” afirmou-lhe só conhecer, da cidade, o seu clube. Logo após, explica que as irmãs conheciam bem outras partes, além de Botafogo, Catete, Flamengo e outros bairros da Zona Sul, centro de toda a narrativa, mas o morro do Castelo, até então, 1871, lhes era bastante desconhecido.

O cenário de *Memorial de Aires* tem por tema central a libertação dos escravos. Aires é informado sobre os acontecimentos envolvendo a emancipação dos escravos pelo comendador Campos, irmão de Santa-Pia, um fazendeiro escravocrata. Os pequenos burgueses cariocas, relatados no memorial de Aires, com os quais tem amizade, pouco se interessam pela questão da libertação dos negros em seus comentários, ao contrário do que ocorre no penúltimo romance machadiano, no qual a preocupação com a mudança do regime político representa uma ameaça.

### **3 Espaço e enredo**

Na obra sobre os dois gêmeos, o tema República é trabalhado mais explicitamente, em vista da representação de Pedro e Paulo como inimigos políticos e antagonistas igualmente no meio social. Pedro é monarquista; Paulo, republicano. Outro espaço de representação política é o ocupado pela “tabuleta velha”, no capítulo XLIX desse romance. Colocada à porta da confeitaria do “velho Custódio”, melancólico, que, recebido na casa do conselheiro Aires, explicou-lhe o motivo de sua tristeza: tivera que trocar a velha tabuleta por outra nova, a qual mandara pintar, porque o pintor contratado considerava-se um artista e não aceitou pintar a tabuleta velha. É bem sugestiva a frase: “Aires ia pensando em escrever uma Filosofia das Tabuletas, na qual poria tais e outras observações, mas nunca deu começo à obra”.

Novos espaços na obra dos gêmeos são a sala de jantar e o espaço do tinteiro citado no capítulo seguinte (L). “D. Perpétua aprovou os sentimentos do confeitiro. Citou a propósito o tinteiro de Evaristo. (...) Era um tinteiro que servira ao famoso jornalista do primeiro reinado e da Regência, obra simples, feita de barro, igual aos tinteiros que a gente chã comprava nas lojas de papel daquele e deste tempo.” Mais adiante, D. Perpétua explica

que o tinteiro tem grande valor para ela. Aires então comenta: “Sem dúvida (...) valor histórico e político”. De fato, o objeto, tendo sido de um grande jornalista e político do Império, Evaristo da Veiga (RJ, 1799 – 1837), fundador do jornal “Aurora Fluminense”, citado mais adiante, neste capítulo do livro, o espaço dado ao tinteiro tinha sua razão de ser. A ideia era correlacionar os comentários do narrador com a atuação política desse personagem, que existira na vida real. Deputado eleito pelo partido liberal, em 1830, sempre se reelegeu, até o fim de sua vida. Foi, pois, homem influente, em sua época, que muito contribuiu com o desenvolvimento intelectual e artístico dos jovens cariocas. Desgostou-se com a “orientação autoritária” do regente e afastou-se do partido. É de sua autoria a letra do Hino da Independência do Brasil, musicado por D. Pedro I (NETSABER BIOGRAFIAS, 2007).

Mas após referirem-se ao tinteiro, todos os personagens saem da sala de jantar e ocupam o salão, de onde se avista a enseada, e o conselheiro diz que ela é uma “obra mais velha que o tinteiro do Evaristo e a tabuleta do Custódio, embora pareça ser mais nova”. Em seguida critica a ação do homem que pode, ao longo do tempo, construir várias obras, após destruir esse belo espaço natural. É nesse e outros espaços narrativos que o tema República vai se desenvolvendo, cada vez com novas criações literárias, como o próprio nome sugerido na tabuleta: “Confeitaria da República”. A ideia é mostrar que, para o povo, caso houvesse uma mudança de regime no País, era-lhe indiferente, pois os interesses próprios é o que lhe importava. “E afinal, que tinha ele com a política? Era um simples fabricante de doces, estimado, afreguesado, respeitado, e principalmente respeitador da ordem pública” (id. ibid.).

Em *Memorial de Aires*, o espaço trabalhado é principalmente o social, das residências dos personagens no Catete, Andaraí, Flamengo, Nova Friburgo e Botafogo. Na noite de 13 de outubro de 1888, ao visitar o casal Aguiar e D. Carmo, no Flamengo, o conselheiro Aires, pensando felicitá-los pelo dia da abolição, encontra todos os presentes muito alegres... pela chegada de uma carta da Europa com as notícias de Tristão, o afilhado do casal. Nota-se a ironia do narrador que, ao relatar a falsa impressão de felicidade nas pessoas da casa pelo acontecimento histórico, percebe, frustrado, que ninguém ali estava interessado na abolição da escravatura e, sim, nas notícias chegadas de Lisboa. Os acontecimentos particulares, para os amigos de Aires, sobrepõem-se absolutamente sobre os públicos.

Fazendo-se um paralelo entre os espaços e enredos dos dois últimos romances machadianos, vemos que, simbolicamente, em *Esauí e Jacó*, a substituição de uma tabuleta velha por outra, nova, de pintura recente, representa a mudança de regimes políticos pouco significativos para o povo em geral, mera mudança de inscrições e espaços (tabuletas) antigos. Já em *Memorial de Aires*, o fazendeiro Santa-Pia resolve alforriar seus escravos por estar certo de que a maioria continuaria trabalhando em sua fazenda, a troco de míseros salários ou até mesmo gratuitamente. A realidade, porém é outra, os libertos não tinham opção, não lhes eram dadas oportunidades de se emanciparem. A justificativa do barão nada mais é do que uma ironia do narrador.

O fazendeiro sabe que dificilmente algo vai mudar na estrutura social ou nas relações que tem para com os (ex) escravos. Estes, mesmo livres, continuarão presos à sua condição de trabalhadores rurais e à falta de oportunidades, não tendo alternativa outra a não ser continuar exatamente como antes, somente ostentando, agora, uma liberdade que é muito mais fictícia do que real (TELES, 2011).

A conclusão que se pode chegar, em relação ao enredo dos espaços narrados nos dois últimos romances machadianos é a de que “O Brasil pintado por Machado em seus dois

últimos romances parece ser um aglomerado de grupos distintos, sem comunicação entre si, isolados em seus interesses próprios, alienados em sua própria realidade e desinteressados em construir uma nação” (TELES, 2011).

#### 4 Topoanálise de *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*

*Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908) são os dois últimos romances de Machado de Assis que apresentam uma personagem comum: o conselheiro Aires, velho diplomata aposentado. Segundo a “Advertência” colocada na abertura de *Esau e Jacó*, foram encontrados sete cadernos manuscritos entre os papéis do conselheiro após o seu falecimento. Os seis primeiros correspondiam ao Memorial que ele vinha escrevendo; o sétimo continha o texto de *Esau e Jacó*, que se destinou à publicação em primeiro lugar. Ambos os romances relatam os fatos ocorridos, predominantemente, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, nos bairros do Castelo, Botafogo, Catete, Flamengo etc. Em oposição a eles, é citada a cidade de Petrópolis, nos dois romances, Paraíba do Sul, residência paterna de Fidélia Noronha, de *Memorial de Aires*, que faz referência a alguns países e capitais europeus, como Itália, Paris, em especial a capital portuguesa Lisboa, de onde veio Tristão e para onde se mudou definitivamente com Fidélia, após seu casamento, deixando os pais “adotivos”, D. Carmo e Aguiar na saudade. O conselheiro Aires é anunciado no final do cap. XI e no cap. XII de *Esau e Jacó*, quando veio da Europa ao Brasil, com licença de seis meses. Também essa obra faz ligeiros comentários sobre a irmã do conselheiro, “mana Rita”.

Na obra, são citados os nomes de várias ruas, do centro do Rio de Janeiro, como as ruas da Misericórdia e S. José, onde encontraram o “irmão das almas”, locais, igrejas, a Câmara dos Deputados e o Palácio Nova Friburgo, que tanto desejava possuir Santos, marido de Natividade, insatisfeito com sua casa em Botafogo. Até o capítulo XVII, a revelação da cabocla do morro do Castelo é uma preocupação constante, que passou da mãe para o pai dos gêmeos. A partir do capítulo seguinte, quando se está em 1880, começa o relato dos desentendimentos e brigas dos gêmeos que, futuramente, escolheriam profissões e partidos políticos opostos: Pedro, médico e monarquista, estudaria Medicina no Rio de Janeiro; Paulo, advogado e republicano, iria a São Paulo cursar Direito.

Os gêmeos amavam a mesma moça, Flora, que o conselheiro Aires (cap. XXXIV de *Esau e Jacó*) classificou de inexplicável. A jovem sempre mostrou-se indecisa entre um e outro gêmeo. Adoeceu e morreu ainda jovem, sem optar por nenhum deles. E talvez aí esteja a presciência do conselheiro, pois simbolicamente o narrador deseja expressar, em relação ao futuro político do Brasil, sua incerteza quanto ao melhor regime, simbolizado por Pedro e Paulo: Monarquia ou República.

Ao contrário do que se poderia esperar, em *Memorial de Aires*, o conselheiro, que tão atuante é no romance anterior, não apresenta uma linha, que seja, sobre a história dos personagens principais de *Esau e Jacó*. A narrativa tem por macroespaços principais os bairros do Catete, Flamengo e Andaraí. Faz referência, igualmente, à Paraíba do Sul, residência dos pais de Fidélia, a Petrópolis e menciona a Europa, de onde viera, em definitivo, Aires. Também relaciona os anos vividos por Tristão e sua família em Lisboa, a chegada de Tristão, que ainda mantinha vínculos familiares e políticos na capital de Portugal, e seu namoro e casamento com a viúva Fidélia Noronha. Agora, a narração tratará sobre o sonho

impossível do conselheiro Aires, em conquistar o coração da jovem viúva Fidélia, o amor de um casal que “adotou” a moça, bem como seu namorado Tristão e a frustração de todos com a viagem para residência definitiva desses últimos em Portugal. Acredita-se que este último romance machadiano tenha muito a ver com o próprio escritor, em especial em seus últimos anos de vida, quando enviuvou de sua esposa Carolina, em 1904. *Memorial de Aires* foi publicado em 1908, alguns meses antes do falecimento do “Bruxo do Cosme Velho”.

A narração tem início abordando a situação de aposentado do conselheiro Aires, vindo da Europa definitivamente para o Brasil em 1887, fixando residência no Catete e indo encontrar sua “mana Rita” no cemitério de S. João Batista, onde fora enterrado seu marido. Também ali comparecera a viúva Fidélia Noronha, cuja pessoa vai ocupar os pensamentos de Aires, junto com suas relações sociais, até o fim da história.

É interessante observar que todas as citações de bairros e cidades, nos romances de Machado de Assis, correspondem predominantemente aos bairros do Rio de Janeiro existentes de fato. O desfecho dos romances em análise não guardam correspondência. Em *Esau e Jacó*, a previsão da cabocla das “cousas futuras” e do eterno desentendimento dos gêmeos se confirma, mas em *Memorial de Aires* o final é melancólico para o conselheiro e o casal D. Carmo e Aguiar, que se viram privados da companhia dos recém-casados Flora e Tristão, transferidos definitivamente para Lisboa.

## **5 Recriação de obras machadianas**

A seguir, em linhas gerais, veremos como alguns autores contemporâneos recriam obras machadianas com base nos espaços do mundo atual.

### **5.1 Moacyr Scliar: O alienista no divã**

Nesse conto, Scliar propõe um novo fim para Simão Bacamarte, da obra *O alienista*, de Machado de Assis que, após internar toda a cidade em que morava, por “doenças mentais” e “curá-los” propondo mudança de comportamentos, como, por exemplo, o modesto tornar-se vaidoso, o honesto, corrupto e assim por diante, descobre que ele próprio precisava de internação, pois seu amor à ciência e outras qualidades demonstram sua loucura. Morre, no local em que se interna, ou seja, na Casa Verde, espaço criado para o suposto tratamento dos seus “doentes mentais”.

Esse autor aproveita o mesmo espaço proposto por Machado para dar um novo destino a Simão Bacamarte. Agora, porém, é criado um novo espaço de atuação: o psicológico, pois o que se precisa tratar, na Casa Verde, é o “funcionamento da casa mental”, uma vez que louco, o médico já sabia que era. Após passados dezessete meses de sua internação, adormeceu e sonhou com seu pai, há muito tempo falecido, que, junto com a Casa Verde, diminui de tamanho e é colocado por Simão Bacamarte ali. Este, desperta com a sensação de ter descoberto algo extraordinário: sonhara com o pai, tirano, que odiara em vida e que contrariara, formando-se em medicina em Portugal, onde ficara até a morte paterna, quando voltou e foi para Itaguaí, cidade onde nascera, para dedicar-se à medicina. O conto de Moacyr Scliar trabalha com riqueza os espaços e, em especial, o divã, que, com poderes mágicos, permitia ao alienista refletir no que o levava à loucura e curá-lo, tanto quanto aos seus clientes. Ao descobrir essa verdade, porém, sentiu que estava morrendo, mas agora morreria em paz pois descobrira a cura para as doenças mentais de todas as pessoas. Conclusão do

autor, a psicanálise poderia ter sido descoberta na Casa Verde de Simão Bacamarte, em Itaguaí, antes mesmo de Sigmund Freud, que foi contemporâneo de Machado de Assis.

## **5.2 Bruno Zeni e a Vidente do amor**

Este é um conto que recria *A Cartomante*, de Machado de Assis. A ideia, nas próprias palavras do autor, é reinventar Machado, atualizando e adaptando “A São Paulo de hoje” o conto do “Bruxo”. Também nessa versão moderna, os espaços são muito bem explorados, em especial, na descrição de imóvel, bem como meio de transporte atual, como o automóvel e recursos técnicos, o uso de objetos modernos, como computador, envio de *e-mails*, emprego de câmara fotográfica digital e filmadora VHS. O final do conto, em contraste com a história machadiana, apresenta-nos não a morte do amigo e esposa infiéis, mas a cara de espanto do traidor ante a amante nua, amordaçada e amarrada numa cadeira, ostentando, com as pernas abertas “o tom violáceo da carne do seu sexo” e, ao seu redor, “cinco círculos concêntricos de velas pretas e vermelhas, que tremeluziam suavemente”.

A vidente consultada dissera ao protagonista para ir em frente, no atendimento ao convite do amigo para visitá-lo na casa deste, uma vez que o traído estava conformado e gostaria apenas de fazer uma brincadeira com os amantes.

## **5.3 Lourenço Mutarelli e sua versão das Memórias póstumas...**

Mutarelli divide sua obra, supostamente psicografada, em três partes: A mentira; O diabo coxo e A infiel. Na primeira, o narrador relata sua morte parodiando o narrador de Machado de Assis, o que, aliás, ocorre em todo o texto recriado. Entre tormentos, delírios e encantamentos ao diabo e outros seres infernais, como Semíramis, narra suas aventuras amorosas de quando ainda vivia no corpo físico com as três mulheres que amou: Marcela, Eugênia e Virgília. A segunda parte relata o amor de Eugênia, o “diabo coxo”, que vira ser gerada “atrás da moita”. Espaço próprio dos relacionamentos sexuais mais depravados ou feitos com violência. Cita também as paixões de Marcela e de Virgília. Por fim, narra a infidelidade de Virgília, que se casara e traía o marido com o narrador. Execra o cristianismo, como algo bom apenas para mulheres e mendigos e relaciona dezenas de nomes de seres demoníacos como sendo ele mesmo. Conclui com a frase de Brás Cubas, após dizer que “diabos somos todos os nascidos. Mas vou em paz, porque não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

## **6 Conclusão**

Os romances machadianos, assim como uma vasta gama de suas obras, no que se refere à toponímia, ainda são um rico filão a ser explorado, como procuramos demonstrar em nossos breves apontamentos dos dois romances analisados. E, ainda, como vimos na reescrita de autores contemporâneos, a obra machadiana é atemporal. Na análise da recriação proposta, assim como de outros romances e contos do *Bruxo do Cosme Velho*, todas essas obras exploram novos espaços, atualizados com a época contemporânea; não somente os da reformulação de ideias e atualização literária da vida atual, como também em relação à moderna arquitetura dos bens móveis e imóveis pós-modernos, objetos informatizados como, igualmente, no que se refere aos costumes atuais, em que a mulher se emancipou

sexualmente. Além disso, observa-se em algumas obras contemporâneas uma tendência à exploração literária de atos considerados licenciosos e proibitivos, no século XIX, e uma certa aversão às religiões, contrariamente ao que ocorria antes, quando as religiões disputavam acirradamente seu espaço na sociedade. Se antes o bandido era o(a) vilã(o), não é incomum que, agora, o vilão seja o(a) mocinho(a). Estes são os espaços psicológicos, rico filão a ser explorado nas obras machadianas, juntamente com outros, como o da morfossintaxe espacial e a toponímia propostos por Borges Filho (2007), cujo estudo não cabe neste artigo.

## **Referências**

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*: obra completa. Organizador: Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1971. vol. I.

\_\_\_\_\_. *Memorial de Aires*: obra completa. Organizador: Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Cia José Aguilar Editora, 1971, vol I.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura*: introdução à toponálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. *Espaço e literatura*: introdução à toponálise. Artigo apresentado no XI Congresso Internacional da BRALIC. São Paulo: USP, 13 a 17 jul 2008.

CARVALHO, Castelar de. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

CLÜVER, Claus. Inter textus/ inter artes/ inter media. Trad. Elcio Loureiro Cornelsen. Rev. Eliane Lourenço de Lima Reis; Thaïs Flores Nogueira Diniz; Claus Clüver. Revista Aletria, jul. dez. 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/poslit>>. Acesso em 25 mar. 2011.

NETSABER NOMES. Disponível em <<http://nomes.netsaber.com.br>>. Acesso em 27 mar. 2011.

MARINHA (definição). Disponível em: <[HTTP://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:NKOqjMTXluUJ:www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:NKOqjMTXluUJ:www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia)>. Acesso em 14 mar. 2011.

MORGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro. Organizadores. *Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

TELES, Adriana da Costa. *Esau e Jacó e Memorial de Aires*: a abolição da escravatura sob o olhar machadiano. Disponível em: <<http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/346.pdf>>. Acesso em 14 mar. 2011.

VÁRIOS AUTORES. *Um homem célebre*: Machado recriado. São Paulo: Publifolha, 2008.

i Jorge Leite de Oliveira, Mestre em Literatura e Práticas Sociais.

Universidade de Brasília (UnB)

E-mail: [jorge.leite@terra.com.br](mailto:jorge.leite@terra.com.br)